

No Pântano do Desânimo

Trabalhando em Solo Rochoso—Parte 4

Textos Seleccionados

Introdução

Recentemente, li novamente o livro clássico de John Bunyan *O Peregrino*, o qual escreveu enquanto esteve preso por insistir em pregar o evangelho sem a licença do governo inglês. Na prisão, ele teve um sonho—provavelmente uma série de sonhos—que exauriu de forma vívida seu enorme depósito mental de conhecimento bíblico. Ele registrou seus pensamentos na forma de alegoria. O resultado foi o livro *O Peregrino*.

O personagem principal se chama Cristão. Depois de crer no evangelho, Cristão deixa a Cidade da Destruição e começa sua jornada em direção à Cidade Celestial de Deus. Outro homem da região se junta a ele nessa viagem. O primeiro problema com o qual se deparam é um pântano de areia movediça. Bunyan escreve:

Agora eu vi no meu sonho... que eles chegaram perto de um pântano lamacento que ficava no meio da planície. Eles procedem descuidadamente e ambos caem dentro do brejo. O nome do pântano é Desânimo. E ali ficam presos por um tempo, terrivelmente cobertos de lama. E Cristão, por causa do fardo sobre seu ombro, começou a afundar no lamaçal.¹

Seu companheiro de viagem consegue escapar do pântano, mas, ao invés de ajudar Cristão a sair, ele o abandona e retorna para sua vila. Por fim, depois de labutar sozinho por um tempo, um homem chamado Auxílio, que representa o Espírito Santo, chega e o tira dali.

Cristão começa um discurso um tanto em pânico sobre o motivo por que o Pântano do Desânimo ainda estava ali, ou seja, porque nunca haviam coberto o local com terra. Auxílio responde e diz que o pântano não pode ser soterrado. O viajante precisa passar por ele.²

Que pensamento grandioso e profundo—o Pântano do Desânimo não pode ser completamente eliminado. Os que se encontram numa jornada em direção à Cidade Celestial precisam passar por ele.

Uma das coisas que Auxílio destaca para Cristão é que existem algumas pedras fixadas no meio do Pântano do Desânimo. Ao mesmo tempo, Auxílio reconhece com realismo: “Essas pedras são difíceis de se enxergar.”

Desânimo e desencorajamento jamais serão eliminados da vida do crente como possíveis fracassos. Precisamos passar por eles. Apesar de haver algumas pedras, não conseguimos vê-las direito, especialmente quando temos lágrimas nos olhos.

O Pântano do Desânimo é o perigo sempre presente.

O desencorajamento é uma das principais ferramentas que o principal inimigo dos peregrinos utiliza, enquanto eles viajam por vales profundos e inexplorados. O desencorajamento pode nos conduzir a conclusões antibíblicas, bem como a noções equivocadas que agravam o desânimo espiritual, endurecem o solo do coração e secam a expectativa e alegria espirituais.

Gostaria de chamar sua atenção hoje a alguns homens que lutaram com esse inimigo em sua caminhada com Deus. No livro dos Salmos, encontramos Davi atolado no pântano do desânimo. No Salmo 13, Davi foge de Saul, foi mal entendido por sua nação e família, e se esconde a fim de escapar com vida. Nessa situação, Davi não consegue enxergar as pedras no meio do lamaçal. Como resultado, tira quatro conclusões precipitadas que todos nós tiramos quando não vemos as pedras e afundamos no brejo.

1. A primeira conclusão precipitada é: Deus se esqueceu de mim.

Lemos no Salmo 13.1: *Até quando, Senhor? Esquecer-te-ás de mim para sempre?*

Ou seja, “Deus está tão ocupado com as pessoas e acontecimentos importantes neste mundo que evidentemente se esqueceu de mim.” Na verdade, Davi adiciona um pequeno comentário que procede de um coração endurecido: “O Senhor se esquecerá de mim *para sempre?*” É assim que parece aos nossos olhos—uma eternidade—quando estamos afundados no pântano do desânimo, quando estamos com medo e confusos.

Quando eu era criança, morei numa região litorânea. Um dos meus bens mais preciosos era uma prancha de madeira que eu mesmo fiz, lixei,

arredondei as extremidades e pinteí de azul claro. Em muitos finais de semana, eu e meus amigos andávamos mais de 15 km até uma praia em particular. A areia se estendia por quilômetros, quase plana. As ondas vinham e a água lavava a areia da praia. Ali, jogávamos nossas pequenas pranchas, corríamos atrás delas, subíamos e, por alguns segundos, desfrutávamos daquele passeio emocionante. Depois disso, deixávamos as pranchas na areia e íamos mergulhar.

Lembro de a maré estar muito forte numa tarde em particular. Mas, é claro, meu amigo e eu fomos testar a água mesmo assim. Entramos algumas vezes até ficar com a água no pescoço e saímos. Em uma dessas idas, as coisas quase acabaram mal. De repente, fomos arrastados pela maré e nos distanciamos da areia da praia. Por instinto, nadamos paralelo à praia. Uma onda veio e nos deu um empurrão que foi suficiente para nos ajudar a alcançar a praia. Subimos a areia engatinhando e ali nos deitamos com o coração batendo forte, reconhecendo o que poderia ter acontecido.

Uma irmã de nossa igreja perdeu um amigo quando era adolescente ali mesmo naquela praia. A maré o arrastou para o mar e ele morreu afogado.

Lembro de como nadei para salvar minha vida. Para mim pareceu que aquilo estava durando horas, mas durou poucos minutos. Na verdade, tudo terminou em menos de um minuto. Medo e pânico deram a sensação de ser uma eternidade.

Davi está afundado no pântano do desânimo com areia movediça pela cintura. Ali dentro, dias se parecem anos, meses são eternos.

Davi escreve em seu diário: *Até quando, Senhor? Esquecer-te-ás de mim para sempre?* Ele chegou à conclusão equivocada de que Deus se esqueceu de que ele está ali.

2. A segunda conclusão precipitada é ainda pior do que essa. Davi conclui que Deus o abandonou propositadamente.

Uma coisa é esquecer um filho no restaurante ou na igreja. Você já fez isso? Tem coragem de admitir?

Lembro-me de uma vez sair com algumas famílias da igreja para almoçar depois do culto em um dia de domingo. Depois que terminamos de comer, entramos em nossos carros e fomos embora. No meio do caminho, percebemos que tínhamos deixado um dos filhos para trás. Voltamos para o restaurante e o encontrei sentado em um dos bancos do bar. “Ei, fui abandonado! Acho que vou começar a beber!”

Uma coisa é ser esquecido; outra coisa é ser abandonado intencionalmente. Conforme as estatísticas apontam, quase todos os dias uma criança é abandonada nos Estados Unidos, deixada em algum lugar público, hospital, shopping. E não é por acidente, mas de propósito.

E Davi chega a essa conclusão aqui no final do verso 1: *Até quando ocultarás de mim o rosto?*

Em outras palavras, “Sei que o Senhor está aí, sei que consegue me ver! Até quando vai ficar com as costas viradas para mim e me deixar aqui abandonado no Pântano do Desânimo?”

Davi conclui que Deus se esqueceu dele; em seguida, conclui que Deus o abandonou propositadamente.

3. Em terceiro lugar, o desespero de Davi o faz concluir erroneamente que sabedoria não está mais disponível das mãos de Deus.

Leia o verso 2:

Até quando consultarei com a minha alma, tendo tristeza no meu coração cada dia? Até quando se exaltará sobre mim o meu inimigo?

Em outras palavras, “A vida tem ido de mal a pior, e não faço ideia do que devo fazer para superar isso. Ao mesmo tempo, estou cercado por pessoas que me odeiam e não me ajudam. Estou aqui nesse lugar estranho e as pessoas ao meu redor gostariam muito de olhar para mim e dizer como minha vida está virada de cabeça para baixo!”

Talvez você esteja nesse lugar hoje. Pode ser por causa de relacionamentos familiares—aqueles dias iniciais do seu casamento quando havia pouca preocupação e sempre sobrava dinheiro se foram, e agora você está com um bebê e o único dinheiro que tem é para comprar fraldas. Lembro-me de como a vida mudou radicalmente depois que nossos gêmeos nasceram. Eu ainda estava no seminário. Juntávamos alguns trocados para eu poder comprar um refrigerante diet no intervalo das aulas. E achávamos que *aqueles* eram os dias mais caros!

Quem sabe você se vê lutando com conflitos e dificuldades. Os tempos bons de uma família ainda com crianças pequenas foram substituídos por antagonismo e rebelião. Todos na família sofrem com estresse e desgaste. Sinceramente, ninguém mais se diverte nessa casa.³

O que planeja fazer agora?

E isso pode acontecer nas nossas vidas espirituais também. Houve dias quando você notou progresso espiritual e novos aprendizados. Mas, nestes últimos dias, progresso espiritual parece ter se transformado numa crise grave.⁴ Você fica se questionando se Deus está, realmente, interessado em sua vida. Talvez ele tenha colocado você na fila de espera, ou você já decepcionou o Senhor muitas vezes e ele saiu em busca de outra pessoa mais disciplinada, fiel, interessante e capaz.

O termo que Davi emprega no verso 2 e que é traduzido como *consultarei* significa “planejar para si mesmo, arrumar para si.”⁵ Ao que parece, Davi chegou àquele ponto na vida no qual diz: “Minha vida não está indo como eu queria, estou à beira de um barranco. Então, acho que tenho que encontrar um jeito para sair dessa sozinho.”

Isso é ainda mais perigoso.

Não há nada mais perigoso no desencorajamento do que concluir que, já que parece que teremos que enfrentar as dificuldades da vida sozinho, então, é melhor eu mesmo encontrar uma saída para essa situação. O Pântano do Desânimo parece que tem uma espécie de maré que nos arrasta para um lugar mais fundo ainda. A única coisa que ouvimos quando atolados no lamaçal são os pensamentos que nos dizem: “É isso mesmo, nem Deus se importa com seus planos. Você se meteu nessa enrascada e vai ter que descobrir como sair disso sozinho. Além disso, o conselho e a sabedoria de Deus estão reservados para pessoas mais dignas, crentes melhores. Você não merece!”

William Carey, o indivíduo que chamamos de “pai das missões modernas” e que foi usado poderosamente por Deus na Índia, escreveu em seu diário as seguintes palavras enquanto lutava com desencorajamento e desânimo: “Falho em meus deveres; na oração, vagueio e sou formal demais... logo me canso. A devoção enfraquece e não ando com Deus.” Em outra parte, ele escreveu: “Tenho motivo para lamentar por causa de uma alma estéril e, às vezes, fico bastante desencorajado. Estou morto, então como posso servir de ajuda aos perdidos?” Mais uma vez, ele escreveu em seu diário no ano de 1794: “Minha alma é uma floresta quando deveria ser um jardim. É difícil dizer se tenho a graça de Deus ou não. Sou, talvez, a criatura mais inconsistente e fria a possuir a graça de Cristo.

Se Deus me usa, então ninguém precisa se desesperar.”⁶

Essas são palavras de alguém que está afundado pela cintura no Pântano do Desânimo.

4. Mas Davi ainda não terminou. Ele chega a uma quarta conclusão equivocada. Ele conclui que uma solução jamais virá de Deus.

Davi escreve nos versos 3–4:

Atenta em mim, ouve-me, ó Senhor, meu Deus; alumia os meus olhos para que eu não adormeça na morte; para que o meu inimigo não diga: Prevaleci contra ele; e os meus adversários se não alegrem, vindo eu a vacilar.

Ou seja, “Meus inimigos já prepararam um banquete para comemorar minha ruína.”

Se ainda não fez isso, sugiro que você sublinhe a frase que procede quatro vezes do desespero de Davi. Você percebeu? *Até quando?* “*Até quando, Senhor, se esquecerá de mim? Acho que será para sempre!*”

Ficamos desencorajados, a vida parece apagar as luzes e saímos apalpando as coisas no escuro. E o que dizemos: “Senhor, por quanto tempo isso durará? Até quando, Senhor?”

Mas deixe-me destacar algo precioso aqui. Apesar de Davi estar sendo arrastado pela maré do desânimo, e apesar de estar sugerindo pensamentos duros sobre o caráter de Deus, ao mesmo tempo, ele ainda revela vestígios de sua confiança final em Deus. Ele ainda diz: *ó Senhor, meu Deus.*

Davi também deixa implícito aqui nessa oração sua convicção sobre a soberania de Deus. A expressão *até quando, ó Senhor* é um reconhecimento de que Deus determina não somente a profundidade de suas provações, mas

também a duração de suas provações. Até mesmo em meio ao seu desespero, Davi deixa implícito que ainda sabe que Deus está no controle, que Deus sabe a profundidade de seu lamaçal e que Deus sabe quanto tempo passará ali. Então, embora Davi esteja passando pelo seu pior momento, ele ainda se agarra ao que conhece melhor.

Deixe-me encorajá-lo com o seguinte: quando você estiver afundado pela cintura no pântano do desânimo, o próprio fato de você reclamar, exigir, questionar e clamar *até quando, ó Senhor*—e você irá fazer essas coisas—é uma declaração de sua fé na soberania gloriosa de Deus que determina tanto a profundidade como a duração das suas provações.

Vou fazer uma pausa neste ponto e mostrar a você outro indivíduo que afundou no Pântano do Desânimo. Ele é uma das últimas pessoas que esperaríamos ver se revolvendo na lama. Trata-se de Elias e seu registro se encontra em 1 Reis.

Se você já leu as realizações do profeta Elias, então, assim como eu, provavelmente pensa como ele foi um profeta durão, decidido, determinado e corajoso. Conforme lemos a narrativa do seu ministério, chegamos àquele momento climático em 1 Reis 18 que ficou eternamente associado à fé de Elias.

Na ocasião, ele está prestes a ficar sozinho enquanto chama todos os falsos profetas de Baal e os desafia a um duelo dos deuses no Monte Carmelo. Elias dita as regras do duelo e elas são justas. Ambos os lados usam a mesma arma: um altar. Ambos os lados usam a mesma pólvora e uma bala. Quer dizer, nesse caso, um boi preparado como sacrifício sobre o altar.

Em seguida, Elias até deixa os profetas de Baal mirarem primeiro. E é aqui que as regras do duelo se tornam mais interessantes. A regra é clara: somente o deus dos participantes pode puxar o

gatilho. Ou seja, os duelistas devem preparar o altar, colocar o boi sobre ele e implorar para que seu deus envie fogo do céu para consumir o sacrifício. A divindade que mandasse fogo do céu e consumisse o sacrifício seria, obviamente, a divindade realmente digna de ser seguida.

Então, os profetas de Baal vão primeiro, conforme lemos nos versos 26–29. Esses quatro versos relatam o que se passou na manhã e em parte da tarde naquele dia. Eles oraram, oraram, dançaram, gritaram para o seu deus puxar o gatilho, porém, nada aconteceu. Não veio nenhum fogo do céu. Finalmente, eles desistem.

Nos versos 36–37, Elias assume o palco, faz uma oração simples e fogo imediatamente desce do céu. E não se trata de uma chama como de uma vela. Foi um fogo violento que consumiu totalmente não só o animal e a lenha, mas também até as pedras (!), a terra ao redor e a água que Elias tinha derramado ao redor do altar (v.38). O fogaréu desce do céu e acaba com tudo num instante. Não há nada mais ali além da fumaça que sobe do buraco, enquanto todo mundo fica olhando para o que aconteceu, sem palavras. Em seguida, no verso 39, todos começam a se prostrar e cantar: *O Senhor é Deus! O Senhor é Deus!* Obviamente, ele é Deus!

Que dia maravilhoso para ser um profeta de Deus, não é verdade? Que dia tremendo para ser um crente! Pode colocar meu nome aí na lista!

O próximo capítulo nos informa de que, dentro de poucas horas, a rainha Jezabel, que vinha pagando o salário dos falsos profetas, estipula um preço pela cabeça de Elias e promete para ele que, dentro de 48 horas, ele estará morto (v.2).

Agora, encontramos um relato chocante em 1 Reis 19:

Temendo, pois, Elias, levantou-se, e, para salvar sua vida, se foi... e pediu para si a morte e disse: Basta; toma agora, ó Senhor, a minha alma, pois não sou melhor do que meus pais... e eu fiquei só, e procuram tirar-me a vida (1 Reis 19.3a, 4b, 14b).

Elias esperava um reavivamento nacional, a derribada de Jezabel e Acabe e o retorno do povo para adorar o Deus vivo e verdadeiro.

Se você consegue imaginar isso, em um dia apenas, o profeta sai da posição de um homem de fé extraordinária e grande coragem em face a quase 500 profetas pagãos e sua nação inteira, e vai à posição de um fracassado que agora joga a toalha enquanto o chão do Monte Carmelo ainda está quente. Elias está afundado pela cintura em desânimo—as coisas não findaram do jeito que ele esperava.

Meu amigo, a distância entre o Monte Carmelo e o Pântano do Desânimo é curta. É possível descer do topo daquela montanha e afundar no poço em questão de horas, às vezes até minutos.

O grande duelo da fé finda em fiasco e o profeta de Deus se encontra, agora, foragido. Não temos tempo para entrar em detalhes. Entretanto, Deus graciosamente chega, alimenta seu servo, deixa Elias descansar por um tempo, repreende-o por pensar que era o único servo fiel restante na face da terra e lhe lembra de seu poder. Por fim, Elias se põe de pé novamente e sai do Pântano do Desânimo.

Voltando, agora, ao Salmo 13, descobrimos que Davi também recupera seu suporte espiritual. Se você ainda se lembra, John Bunyan escreveu em sua alegoria que havia algumas pedras no Pântano do Desânimo, mas elas eram difíceis de se enxergar. Em seus comentários finais, Davi chama nossa atenção para três pedras que nos ajudam a atravessar o Pântano do Desânimo.

a. Na primeira pedra, gravaremos a palavra lembrar.

Davi escreve no Salmo 13.5: *No tocante a mim, confio na tua graça; regozije-se o meu coração na tua salvação.*

Ou seja, “A despeito do que parece, a despeito de como a maré das minhas circunstâncias me arrastam para águas profundas, a tua graça, ó Deus, é firme. Já a vi trabalhando no passado; confiei nela e vi que é firme, segura e verdadeira. Meus pés não resvalarão da tua salvação. E eu a recebi!”

A expressão *no tocante a mim* que começa o verso 5 é adversativa. Em outras palavras, nada ao redor de Davi mudou: Saul ainda o perseguia para tirar sua vida; ele ainda andava faminto; ainda lhe faltava apoio. Mesmo assim, Davi lembra! É como se ele dissesse: “Huh! Sabe de uma coisa? A graça de Deus para comigo tem sido constante. Já a vi trabalhando no passado. Mesmo quando Deus parecia ser invisível, estava envolvido. Mesmo quando Deus parecia estar ausente, ele estava ao meu lado.”

O primeiro passo para sair do brejo do desânimo é lembrar.

b. Na segunda pedra, escreveremos a palavra rededicar.

Se você consegue acreditar nisso, lemos no início do verso 6: *Cantarei ao Senhor.*

Lembre-se de que nada mudou. Tenho que cantar mesmo assim? Entenda bem que, embora as circunstâncias de Davi não tenham mudado, sua atitude mudou.

O que Davi nos mostra aqui é mais uma pedra no meio do Pântano do Desânimo. Lembre-se de que, na analogia de John Bunyan, não podemos

evitar o lamaçal; temos que atravessá-lo. Mas as pedras nos conduzem por ele sobre chão firme.

Davi nos ensina uma profunda verdade: mesmo se as circunstâncias externas não puderem ser mudadas, atitudes internas podem. Deus diz: “A minha graça é suficiente para você, pois o meu poder é aperfeiçoado na fraqueza.”

O primeiro passo é lembrar e o segundo é rededicar.

c. Na terceira pedra, escrevemos a palavra *recalcular*.

Davi conclui o salmo escrevendo: *porquanto me tem feito muito bem*. Tenho ignorado as bênçãos do presente. Mas, se olhar direito, verei que estão ao redor de mim.

Recalcule!

Perceba como Davi resume sua vida de forma diferente agora: *porquanto me tem feito muito bem*. Como assim? Ele ainda está se escondendo e muitos procuram matá-lo.

Mas aqui está o segredo: quando olhamos de volta para a bondade de Deus e rededicamos nossas vidas para adorá-lo, reavaliemos o ministério de Deus a nós e através de nós. Não ignore esse passo. Recalcule sua vida à luz da graça, bondade e dos benefícios de Deus para com você.

Conclusão

Vários anos atrás, Max Lucado escreveu sobre um rapaz conhecido seu que aos 32 anos de idade foi diagnosticado com esclerose múltipla. No decorrer dos próximos 16 anos, a terrível doença lhe custaria sua carreira, mobilidade e, por fim, sua vida.

Por causa da esclerose, ele não podia se alimentar sozinho ou caminhar. Com bastante

transparência, ele lutou contra depressão e medo, mas, em meio a tudo isso, sua igreja e amigos testemunharam como ele jamais perdeu sua gratidão para com Jesus Cristo.

Numa certa ocasião, alguns amigos que viam como sua saúde deteriorava pediram que ele fizesse uma lista com pedidos de oração para que intercedessem por ele. E ele compilou uma lista com seis preocupações que tinha. Porém, ele também fez uma lista com dezoito bênçãos pelas quais pedia que louvassem a Deus juntamente com ele. As bênçãos pesavam mais do que as preocupações—3 bênçãos para 1 preocupação.

Nesse mesmo contexto, Lucado menciona uma leprosa na ilha de Tobago. Um crente a conheceu enquanto participava de uma viagem missionária na ilha. No último dia da viagem missionária, o rapaz liderava o louvor na colônia dos leprosos. Ele perguntou se alguém tinha um hino que gostaria que cantassem. Em seguida, uma mulher se virou para ele e ele se deparou com o rosto mais desfigurado que ele já tinha visto. Ela não tinha orelhas ou nariz. Ela também tinha perdido os lábios e já não havia mais dedos em suas mãos. Mas ela levantou sua mão sem dedo e perguntou: “Será que podemos cantar o hino ‘Conta As Bênçãos, Conta Quantas São’?” Esse líder e missionário começou a cantar o hino, mas não conseguiu terminá-lo sem lágrimas escorrendo em seu rosto.

Posteriormente, alguém falou para ele: “Imagino que você nunca mais conseguirá cantar esse hino novamente.” Ele respondeu: “Ah, e como vou! Irei cantá-lo novamente, porém nunca mais do mesmo jeito.”

Quando você estiver atolado pela cintura no Pântano do Desânimo, procure estas pedras: lembrar, rededicar e recalcular. Você encontrará confiando, louvando e obedecendo com nova fé, obediência e gratidão.

Este manuscrito pertence a Stephen Davey, pregado no dia 19/10/2014

© Copyright 2014 Stephen Davey

Todos os direitos reservados

¹ John Bunyan, *The Pilgrim's Progress* (1688, reimpresso por Scripture Truth), 16.

² Adaptado de Charles R. Swindoll, *Building Blocks of Biblical Character* (Insight for Living, 1993), 45.

³ Adaptado de James Montgomery Boice, *Psalms: Volume 1* (Baker, 1994), 108.

⁴ *Ibid.*, 109.

⁵ Swindoll, *Living beyond the Daily Grind: Book 1* (Word Publishing, 1988), 41.

⁶ Citados retiradas de S. Pearce Carey, *William Carey* (The Watchman Trust, 1923), 126.